



APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Mírian Carla Lima Carvalho ¹
Andrêsa Fernanda Gomes Pereira ²

RESUMO

A escola foi um dos principais setores afetados pela crise mundial sanitária provocada pela pandemia do novo coronavírus, inclusive pode se dizer que a educação infantil e a educação especial foram as principais prejudicadas, e em especial as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse sentido, é importante refletir como as consequências ocasionadas pelo período de pandemia afetaram a aprendizagem de crianças com Autismo? Desse modo, o presente estudo teve como objetivo principal identificar a partir de um relato de experiência de uma psicopedagoga, as consequências ocorridas na aprendizagem de pessoas com Autismo, decorrentes do distanciamento social pelo contexto de pandemia. Para tanto, buscou-se uma psicopedagoga atuante na área para nos relatar como ocorreu o processo de aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista durante o período de 2020 a 2022, que contemplam os períodos de maior isolamento social. Destarte, evidencia-se os inegáveis entraves que a pandemia ocasionou à aprendizagem, principalmente no que diz respeito às crianças com TEA, visto que ficaram um longo período sem acesso à escola regular, muitas delas também, sem acesso às terapias, chegando em alguns casos ficarem sem terapia por quase dois anos, assim como crianças que tiveram sua iniciação à vida escolar no final do ano de 2022. Portanto, dentre os principais prejuízos observados destaca-se a dificuldade de concentração, dificuldades na preensão de objetos e do lápis, assim como na grafomotricidade. Ademais, ressalta-se a importância da psicopedagoga para dirimir esses prejuízos.

Palavras-chave: Pandemia, Educação Especial, Aprendizagem, Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar foi um dos principais setores afetados pela crise mundial sanitária provocada pela pandemia do novo coronavírus, deixando lacunas e prejuízos, principalmente, na educação infantil e na educação especial, afetando milhares de crianças típicas e neurodiversas, dentre eles, crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A Associação Americana de Psiquiatria – APA (2023) apresentou o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) como um transtorno do neurodesenvolvimento. Caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, juntamente com a exibição de

¹ Mestra em Psicologia social - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mirianclcarvalho@gmail.com;

² Mestra em Psicologia Social - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, andresafernandagomes@gmail.com;

comportamentos estereotipados. Todavia, o conjunto de manifestações comportamentais exibidas pelas pessoas com TEA, podem variar muito, contemplando desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até indivíduos com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017).

Embora o TEA tenha início precoce, a identificação ocorre inicialmente pela alteração e/ou atraso da fala, que leva a família à busca de procura profissional geralmente de forma tardia, aos 6-7 anos, quando já se observa a perda de alguns períodos críticos de neuroplasticidade (ZANON; BACKES; BOSA, 2014). Nessa direção, apesar de ainda possuir causa desconhecida, reconhece-se alterações do sistema nervoso central (SNC), mais precisamente nas áreas cerebrais como hipocampo, amígdalas, corpo caloso, maturação do córtex cerebral frontal, e desenvolvimento irregular dos neurônios do sistema límbico (ZILBOVICIUS, 2006).

Mediante o decreto de fechamento dos serviços não essenciais, dentre eles as instituições de ensino, com o intuito de minimizar os impactos e a propagação do coronavírus na população, o Ministério da Educação – MEC, consentiu o ensino remoto com forma de permitir a continuação do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, foram necessárias modificações e ajustes na rotina de todos, com as crianças com TEA não foi diferente. Vale salientar, que o autismo não é um fator de risco para a COVID-19, no entanto, algumas particularidades do transtorno, podem acabar dificultando o entendimento dos cuidados preventivos necessários contra o vírus.

Nesse sentido, é importante refletir como as consequências ocasionadas pelo período de pandemia afetaram a aprendizagem de crianças com Autismo? Desse modo, o presente estudo teve como objetivo principal identificar a partir de relatos de experiências de psicopedagogas, as consequências ocorridas na aprendizagem de pessoas com Autismo, decorrentes do distanciamento social pelo contexto de pandemia.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo descritivo, da natureza relato de experiência, realizado a partir da vivência de psicopedagogas atuantes na área, com o intuito de compreender e documentar como ocorreu o processo de aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista durante o período de pandemia, que compreende os anos de 2020 a 2022, sendo estes os períodos de maior isolamento social.

Essa experiência contou com 03 psicopedagogas atuantes em clínicas interdisciplinares e Centro de Referência de Inclusão Social na região do Nordeste. Para tanto, foi utilizado um Roteiro de Entrevista Estruturada para avaliação acerca da aprendizagem de crianças com TEA, no qual objetivou-se reunir dados sobre o atendimento psicopedagógico em tempos de pandemia, de modo a realizar-se uma análise funcional inicial de cada caso. A entrevista foi constituída por seis questões abertas, que se referem a como se deu os atendimentos psicopedagógicos e ao desenvolvimento da aprendizagem, realizada de forma remota. A seguir são listadas as perguntas utilizadas na entrevista.

MODELO DE ENTREVISTA

1. Como você observou o contexto de aprendizagem de crianças com TEA durante o período da Pandemia?
2. Quais as principais dificuldades na aprendizagem que as crianças com TEA apresentaram durante esse período?
3. Como foi observado a inclusão dessas crianças no ambiente escolar?
4. Quais as implicações sofridas na aprendizagem frente às mudanças geradas pela pandemia?
5. Como se deu o atendimento psicopedagógico das crianças com TEA em contexto de pandemia?
6. Quais desafios dos atendimentos psicopedagógicos encontrados durante a pandemia?

Fonte: próprio da pesquisa

Diante da concretização das entrevistas, os dados obtidos foram tratados por meio da análise de discurso de Dominique Maingueneau (GADET, F., e HAK, 1997) na qual gerou-se alguns conteúdos para discussão, que estão descritas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São inegáveis os entraves que a pandemia ocasionou à aprendizagem, principalmente, no que diz respeito às crianças com TEA, visto que ficaram um longo período sem acesso à escola regular, muitas delas também, sem acesso às terapias, chegando em alguns casos ficarem sem terapia pelo período de um mês a dois anos, assim como crianças que tiveram sua iniciação à vida escolar no final do ano de 2022.

Diante dos dados obtidos, foi possível constatar que a falta de acesso às terapias, no que diz respeito às crianças atendidas, provocaram instabilidade no processo terapêutico, uma vez que a inconstância abriu espaço para a manifestação de outras dificuldades, como foi relatado por uma das participantes “quando retornavam aos atendimentos presenciais apresentavam

mais hiperatividade, sendo necessário uma readaptação às terapias e reavaliação de habilidades”. Além disso, a terapeuta observou dificuldades além do que era informado pela família durante as terapias remotas. Outro fator de importância é o fato de ter encontrado mais atraso de desenvolvimento e de habilidades nessas crianças frente às consequências do período de pandemia, como a dificuldade em se adaptar ao uso de telas para assistir aula, dificuldades de compreensão, atraso de desenvolvimento, sobretudo nas crianças em processo de alfabetização, déficits na leitura e na escrita como trocas fonêmicas, omissões, adições, letras ilegíveis, e etc.

Outro fator relevante observado, foi o hiperfoco de uma das crianças em uso de celular, sendo estabelecido como o único reforçador possível no início de seu retorno às terapias, o que pode estar relacionado a ociosidade em decorrência de estar muito tempo em casa fazendo uso desse aparelho. No entanto, verificou-se uma diminuição desse hiperfoco após alguns meses de terapia. Nesse sentido, evidencia-se que esses aspectos influenciam diretamente no processo atencional das crianças e na execução de tarefas. Ademais, é pertinente destacar que, no ano de 2022, foi registrado várias crianças que entraram tardiamente no ensino regular, além de alguns casos que optaram pelo acesso ao reforço escolar individualizado.

Outros impactos encontrados na literatura da pandemia da Covid -19, foram desde atrasos no processo de ensino aprendizagem da criança, assim como, na rotina familiar, na qual os pais passaram a ter a responsabilidade de ensino as suas crianças (PAGLIARINI, 2022). Assim, pode-se perceber alguns desafios dos atendimentos psicopedagógicos durante a pandemia, tais como: a aplicação de atividades práticas, a aceitação da criança a tela, o tempo de engajamento, a distração frequente e a readaptação ao novo. Por vezes, nesse contexto de aulas remoto “aconteciam comportamentos inadequados na grande maioria dos níveis 2 e 3, no nível 1 eles conseguiam participar das aulas um pouco mais, todavia, por tempo reduzido, fazendo-se de suma importância o apoio familiar para aprender o que foi visto em aula e acomodar o ensino”, como relatado por uma das participantes.

Nesta perspectiva, as principais dificuldades identificadas nas crianças, nesse retorno pós-pandemia, dizem respeito à motricidade fina que é evidenciada através da resistência a esse tipo de atividade, a preensão do lápis palmar foi comumente encontrada em crianças de 3 a 4 anos, sendo estimuladas até o processo de desenvolvimento da preensão madura. Além disso, destaca-se também, a falta de concentração, foco e a hiperatividade.

Outro desafio na aprendizagem de crianças com TEA pós pandemia, fazem menção às adaptações escolares, que se tornaram ainda mais difíceis para essas crianças, ocasionando sobrecarga, principalmente das mães, que tiveram que assumir o papel de estimular as

atividades escolares e as habilidades de intervenção psicopedagógicas, o que por vezes inviabilizou o processo inclusivo. Outrossim, destaca-se ainda a falta de cooperação e comunicação entre escola e família, como o caso de professoras que relataram entregar atividades, mas que não recebiam retorno dos familiares das crianças, ou até mesmo das atividades, o que dificulta a solidificação do processo de aprendizagem. Isso pode estar associado a sobrecarga que essas famílias tem em casa, principalmente as mães (MISQUIATI *et al.*, 2015).

Os atendimentos psicopedagógicos sofreram impactos, havendo dificuldades para estabelecer vínculos terapêuticos devido ao uso de máscara e protetor facial, havendo resistência da criança em atendimento, sem mencionar, o cuidado com todos os materiais, que necessitavam ser de plástico ou descartáveis. Além disso, houve redução também, na duração de tempo dos atendimentos a essas crianças.

Outra adaptação que se fez necessária diante dos atendimentos psicopedagógicos, foram as atividades práticas orientadas aos pais e poucos momentos com algumas crianças, havendo aplicação de atividades no horário de atendimento, em crianças de nível de suporte 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da covid-19 exigiu mudanças significativas na vida de todos, em todos os aspectos, sobretudo, aqueles que se referem ao contexto educacional. No que diz respeito a aprendizagem de crianças com TEA, o período de pandemia foi visto como um momento de defasagem da aprendizagem, tendo em vista a dificuldade na adaptação ao período remoto, uma vez que exigiu uma mudança muito brusca e nada gradual, sem mencionar as crianças que não tiveram acesso ao ensino nem mesmo de forma remota.

Os prejuízos são incontáveis e as sequelas irreparáveis. De modo geral, dentre os principais prejuízos observados destaca-se, principalmente, a dificuldade de concentração, dificuldades na preensão de objetos e do lápis, assim como na grafomotricidade. Também é possível observar um significativo retrocesso em comparação ao desempenho das habilidades antes da pandemia, como um declínio cognitivo, o que só atesta o dano da falta de estimulação e interação social.

Nessa direção, foi possível observar que a aprendizagem de crianças com TEA durante o período pandêmico se deu de forma conturbada e experimental, como na maioria dos casos, marcada pela inconstância que refletia raízes pedagógicas, familiares e questões de

sobrevivência. As dificuldades encontradas podem ser vistas como padronizadas e consistentes, que apesar de se apresentarem em função de um evento estressor pontual, revelam sequelas de longo prazo.

Desse modo, pensando em formas de dirimir os impactos causados, destaca-se o profissional da psicopedagogia como peça chave para a retomada da vida acadêmica, intervindo nas dificuldades encontradas, fornecendo estratégias para otimizar e impulsionar o processo de aprendizagem, bem como lidar com as condições impostas pelo transtorno frente a tantas mudanças, além de favorecer o processo inclusivo e colaborativo junto aos professores e familiares de crianças com necessidades especiais, proporcionando a integração de todas as entidades envolvidas no aprendizado da criança, o que favorece o seu desenvolvimento pleno.

Por fim, vale ressaltar que como todos os estudos, este também apresentou limitações, uma vez que a pesquisa perpassa pela limitação de uma experiência e, portanto, sendo dotada de subjetividade, dependendo de quem a experiência, além de que, destaca-se o baixo quantitativo de participantes envolvidos no estudo, o que acaba por inviabilizar a generalização dos achados a população autista. Por isso, faz-se pertinente, a realização de estudos posteriores com um maior quantitativo de profissionais, abrangendo também o seio familiar a fim de reunir informações para favorecer a aprendizagem e o processo inclusivo de pessoas com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais Texto Revisado. (5^o ed). Porto Alegre: Artmed. 2023.

BOSSA, N. A. A Emergência da Psicopedagogia como Ciência. **Revista de Psicopedagógica**, v. 25, 2008.

GADET, F., HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997, 3^a ed.

MISQUIATTI, A. R. N. *et al.* Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. **Revista Cefac**, v. 17, p. 192-200, 2015.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein** (São Paulo), v. 15, p. 233-238, 2017.

PAGLIARINI, A. C. F. *et al.* Impactos da pandemia no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. **Conjecturas**, v. 22, n. 12, p. 271-280, 2022. Doi: 10.1590/S1679-45082017RB4020.

UNICEF. **Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão frequentando a escola no Brasil, alerta UNICEF.** 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil> Acesso em 07/09/2023.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 30, p. 25-33, 2014.

ZILBOVICIUS, M.; MERESSE, I.; CHABANE, N.; BRUNELLE, F.; SAMSON, Y.; e BODDAERT, N. Autismo, sulco temporal superior e percepção social. **Tendências em neurociências**, v. 29, n. 7, p. 359-366, 2006.

APÊNDICE

Participante 1

1. Como você observou o contexto de aprendizagem de crianças com TEA durante o período de Pandemia?

R- Contexto pandêmico não foi satisfatório para o contexto acadêmico das crianças, principalmente do público de inclusão. Com isso, de fato foi prejudicial ao desenvolvimento dos estudantes.

2. Quais as principais dificuldades na aprendizagem que as crianças com TEA apresentaram durante esse período?

R- Nossas crianças com TEA não conseguem adquirir aprendizagem através de um ensino sistemático em tela (notebook, tablet, celular), os que usam a tecnologia com esses recursos, tendem a compreender que horário livre de assistir ou jogar coisas do seu interesse e ao passar assistir aulas nesse recurso, aconteciam comportamentos inadequados na grande maioria dos níveis 2 e 3, no nível 1 eles conseguiam um pouco mais, por tempo reduzido participar das aulas, porém para acomodar o ensino, precisavam de um apoio maior familiar para aprender o que foi visto em aula.

3. Como foi observado a inclusão dessas crianças no ambiente escolar?

R- O Brasil precisa ainda melhorar em todos os contextos a inclusão escolar. Geralmente as crianças TEA são recebidas, acolhidas, porém o trabalhar de forma individualizada ainda é um grande desafio para as escolas.

4. Quais as implicações sofridas na aprendizagem frente as mudanças geradas pela pandemia?

R- É visto um atraso maior de desenvolvimento, visto que grande parte não conseguiram acompanhar o processo educacional, com isso mantém atraso nas habilidades acadêmicas até o presente momento, precisando de estimulações dentro e fora do ambiente escolar para superar melhor.

5. Como se deu o atendimento psicopedagógico das crianças com TEA em contexto de pandemia?

R- De acordo com o contexto que estavam passando às famílias das crianças com TEA nível 1 solicitaram o atendimento on-line (vale salientar que nem todas as famílias optaram, por dificuldades de manejar o filho a tela para as estimulações). O atendimento ocorria de acordo

com cada perfil de criança, tempo reduzido de 20 entre 40 minutos), com recursos lúdicos mostrados em tela (brinquedo, item de preferência da criança) e de acordo com seu plano estimulado as habilidades.

Ou, frente a necessidade familiar estimulando ludicamente o que ele precisaria realizar nas atividades escolares (iríamos construindo juntos).

6. Quais desafios dos atendimentos psicopedagógicos encontrados durante a pandemia?

R- Aceitação da criança a tela, o tempo de engajamento, a distração frequente e a readaptação ao novo.

Participante 2

1. Como você observou o contexto de aprendizagem de crianças com TEA durante o período de Pandemia?

R- Observei que algumas crianças com TEA não tiveram acesso à escola durante o período de pandemia e as adaptações escolares se tornaram mais difíceis, visto que o ensino se sucedia de forma remota. As crianças passaram um período de 1 mês sem terapia, no entanto, foi permitido o acesso às terapias em João Pessoa, seguindo as normas sanitárias do contexto de pandemia Covid 19.

2. Quais as principais dificuldades na aprendizagem que as crianças com TEA apresentaram durante esse período?

R- Tenho observado que as principais dificuldades das crianças têm sido na motricidade fina e na escrita, embora já se tenha notado que essas crianças tem dificuldades nessas habilidades, é possível que o contexto de pandemia tenha sido fator agravante, considerando que haveria poucos estímulos a essas habilidades.

A falta de cooperação e comunicação entre escola e família, como o caso de professoras que relataram entregar atividades, mas que não recebiam retorno dos familiares das crianças, ou até mesmo das atividades, o que dificulta a solidificação do processo de aprendizagem.

3. Como foi observado a inclusão dessas crianças no ambiente escolar?

R- A inclusão foi um desafio constante, visto que nem sempre as crianças recebiam atividades adequadas.

4. Quais as implicações sofridas na aprendizagem frente as mudanças geradas pela pandemia?

R- Pode-se observar alguns déficits na aprendizagem das crianças durante o atendimento presencial. Quando retornavam aos atendimentos presenciais apresentavam mais hiperatividade, sendo necessário uma readaptação às terapias e reavaliação de habilidades. Assim como foi possível observar dificuldades além do que a família repassava.

5. Como se deu o atendimento psicopedagógico das crianças com TEA em contexto de pandemia?

R- Por um período de 1 mês atendi de forma através de plataformas remotas, com o diálogo com as mães, orientando as atividades práticas a serem estimuladas nas crianças em outros momentos e diálogos sobre o que deu certo nas atividades. Salienta-se que em alguns casos (crianças de nível de suporte 1) verifica-se com a aplicação durante o atendimento remoto.

6. Quais desafios dos atendimentos psicopedagógicos encontrados durante a pandemia?

R- Os maiores desafios encontrados durante o período pandêmico foi a realização de atividades práticas com as crianças.

Participante 3

1. Como você observou o contexto de aprendizagem de crianças com TEA durante o período de Pandemia?

R- Foi um período de defasagem na aprendizagem das crianças com TEA, sobretudo pela dificuldade de se adaptarem a assistir aula através de uma tela. O que ocorria no caso das crianças que eu atendia era que a maioria delas não conseguiu se adaptar por diversos motivos, desde as próprias características de cada indivíduo, as questões financeiras dos pais pra disponibilizar um celular principalmente em famílias com mais de uma criança em idade escolar ou mesmo a dificuldade de estarem junto da criança auxiliando nas atividades.

2. Quais as principais dificuldades na aprendizagem que as crianças com TEA apresentaram durante esse período?

R- Dificuldade em se adaptar ao uso de telas para assistir aula, dificuldades de compreensão, atraso de desenvolvimento, sobretudo nas crianças em processo de alfabetização, déficits na leitura e na escrita como trocas fonêmicas, omissões, adições, letras ilegíveis, e etc.

3. Como foi observado a inclusão dessas crianças no ambiente escolar?

R- Ficou a cargo das salas de atendimento especializado, que se ocuparam de enviar as atividades para serem feitas em casa ou mesmo fazer adaptações nas atividades passadas pelos professores, sendo que na realidade muitas famílias não conseguiam entregar essas atividades. Como atuei pela prefeitura a maior parte das crianças atendidas por nós eram de baixa renda, muitas famílias já sofriam com o analfabetismo funcional nos adultos, então a dificuldade de auxiliar uma criança nas atividades escolares era enorme, principalmente quando a gente pensa nas crianças com déficits cognitivos.

4. Quais as implicações sofridas na aprendizagem frente as mudanças geradas pela pandemia?

R- Crianças que retroagiram de toda a evolução terapêutica que já haviam feito, não conseguiam socializar, nem se comunicar, muitas criaram aversão aos materiais de aprendizagem rejeitando as atividades que estavam relacionadas a leitura, escrita ou aritmética, as crianças com TEA que também tinham outros transtornos associados já haviam esquecido as letras, não sabiam mais escrever o próprio nome, etc.

5. Como se deu o atendimento psicopedagógico das crianças com TEA em contexto de pandemia?

R- Foi muito difícil de estabelecer vínculos com as crianças porque éramos profissionais com capote, máscara e protetor facial, a criança não sabia o rosto do profissional que estava atendendo-a, muitas tiveram resistência nos atendimentos por conta disso. Todos os materiais precisavam ser de plástico ou descartáveis.